

# figurado português

## de santos e diabos está o mundo cheio

Isabel Maria Fernandes  
Angélica Lima Cruz  
Antonino Jorge  
Alberto Tapada  
Inácio Nuno Pignatelli  
Alberto Correia  
Maria Manuel Bringel  
Rafael Salinas Calado  
Rui de Sousa Martins  
José Campinho

©

ALBERTO CORREIA  
ALBERTO TAPADA  
ANGÉLICA LIMA CRUZ  
ANTONINO JORGE  
INÁCIO NUNO PIGNATELLI  
ISABEL MARIA FERNANDES  
JOSÉ CAMPINHO  
MARIA MANUEL BRINGEL  
RAFAEL SALINAS CALADO  
RUI DE SOUSA MARTINS

coordenação científica **ISABEL MARIA FERNANDES**

revisão ??

design gráfico **VERA VELEZ**

fotografia **JOSÉ CARLOS GARCIA**

Edição ??, Novembro 2005

ISBN ??

**Agradecimento**

A edição deste livro contou com a colaboração do Instituto do Emprego e Formação Profissional para a fotografia das peças.

**Índice**

7	Prefácio
Isabel Maria Fernandes	
9	Rosa Ramalho: as minhas mãos são o nosso mundo
Isabel Maria Fernandes	
25	Mistério que se traduz em Domingos, Virgínia, Manuel e Francisco
Isabel Maria Fernandes	
35	Figurado de Galegos: a vida das formas e as formas de vida
Angélica Lima Cruz	
83	Albano Pinto de Carvalho: um «escultor» de figurado em terra de oleiros
Antonino Jorge e Alberto Tapada	
93	Bonecos de barro de Vila Nova de Gaia
Inácio Nuno Pignatelli	
111	Figurado: as mãos de Homens: Ao jeito de Javé
Alberto Correia	
115	Barristas de Viseu: uma revelação do mundo
Alberto Correia	
135	Figurado de Mafra: uma visão do mundo
Maria Manuel Bringel	
149	Josafaz: Joaquim Lourenço faz
Isabel Maria Fernandes	
155	O figurado conhecido por «bonecos de Estremoz»
Rafael Salinas Calado	
179	O figurado recente que surgiu no concelho de Odemira
Rafael Salinas Calado	
183	Representações dos costumes populares na escultura cerâmica dos Açores
Rui de Sousa Martins	
203	A recriação do mundo pela olaria madeirense
José Campinho	
216	Notas
221	Bibliografia

JOSAFAZ: JOAQUIM LOURENÇO FAZ

Isabel Maria Fernandes

Há coisas destas! Não se nasce oleiro apesar de se nascer em terras de oleiros. Foi-se «talhado» em madeira, mas, um dia, o destino e a vontade dos homens, faz a vida de alguém rumar para outras paragens que não aquelas em que se bebeu o saber paterno. No caso do senhor de quem falamos, a vida fê-lo aterrar no barro. Verdade verdinha é que nem só os que nascem no meio do barro, em oleiros se tornam. A vida dá muitas voltas. Hoje, os tempos são outros, já não se herda o ofício do pai e, caso se herde nada obriga a que nele se permaneça. Hoje, cada qual ruma para onde quer, segue o seu fado e dele faz, por vezes, uma arte.

Assim sucedeu com Joaquim Lourenço, que na vida de barrista ganhou o nome próprio do pai – Josafaz<sup>1</sup>.

Joaquim Laureano nasceu ali pertinho do mar, daquele mar azul da Ericeira, mais exactamente numa pequena aldeia que se dá pelo nome de Fonte Boa dos Nabos (freguesia de Ericeira, Mafra). Nasce numa geração de carpinteiros – pai carpinteiro, avô carpinteiro e outros que para trás estão e que na arte viveram e na arte morreram – e carpinteiro será.

Se na madeira nasceu (15 de Novembro de 1926), na madeira foi criado. Aprendeu a arte e a arte exerceu, entre os 12 anos e os quarenta e poucos anos, trabalhando por conta própria nas casas que do seu trabalho necessitavam. Mas, no seu viver de então e de hoje sempre foi daqueles para quem as ideias não são um mero arcaboço teórico que escondem a prática. Joaquim Lourenço sempre gostou de passar das ideias à prática, de ser daqueles que Fernando Pessoa diz transformarem os sonhos em obras.

Depois de muitos anos a carpintear pelas casas dos outros – já casado há vastos e bons anos com Maria de Jesus<sup>2</sup> e pai de uma filha adulta –, decide Joaquim Lourenço, entalhar a madeira e com ela fazer quadros de parede, representando santos, a pesca, as festas das redondezas, enfim o que a mente sonhava e as mãos executavam. Para vender estes quadros em madeira entalhada decide começar a frequentar a feira de artesanato do Estoril. Terá – e a memória de Joaquim Lourenço já anda cansada –, começado a frequentar a Feira por volta de 1969. Nos primeiros anos



Maria de Jesus Josafaz

Baco, Lisboa, séc. XXI, 1º lustro, alt. 28 cm

Josafaz

Mulher com cesto, Lisboa, séc. XXI, 1º lustro, alt. 30,5 cm

Aguadeiro, Lisboa, séc. XXI, 1º lustro, alt. 27 cm



leva os seus quadros de madeira, mas cedo se apercebe serem de difícil venda e baixos serem os réditos obtidos. A madeira era cara, o trabalho de a afeiçoar muito, e os compradores poucos. Se tinha a sorte de encontrar um comprador estrangeiro, lá ia vendendo, mas, mesmo assim, pouco.

Homem vivo, começa a lançar o olhar à sua volta e a observar o sucesso que faziam as figuras de barro de alguns dos seus colegas na feira de artesanato do Estoril – a Rosa Ramalha e o Mistério, ambos de Barcelos, e o José Marcolino Moreira, de Estremoz.

Joaquim não era homem que se deixasse intimidar pelo desconhecido. Ah os fregueses preferiam bonecos de barro? Compravam-nos e admiravam-nos? Então, bonecos de barro faria. Ah se faria! Se os outros os faziam porque não haveria ele de os fazer?

Toca então de meter as mãos no barro, corria, talvez – a memória de Joaquim Lourenço é pouco precisa em espartilhar assim o tempo – o ano de 1972. A primeira argila vem da Achada (freguesia e concelho de Mafra) e foi oferecida pelos oleiros de lá. Decide então alugar uma casa na estrada entre Sintra e a Ericeira, em Santa Susana (concelho de Sintra, confinando com o concelho de Mafra). Aí constrói um forno que começou por ser pequenino, feito pelas suas próprias mãos em pedra piçarra, tendo seguido o modelo dos fornos que conhecia.

Nas primeiras feiras de artesanato do Estoril a que levou os seus bonecos, como estes eram ainda estranhos aos fregueses, não entrou logo a vender como pretendia – «começou fraquinho», no seu dizer –, mas, com o tempo o negócio foi progredindo. Vendia as peças à porta da sua casa em Santa Susana, na Feira de Artesanato do Estoril, e, enquanto estas mostras existiram, no Mercado da Primavera, em Belém, e no Salão Nacional de Artesanato, no Casino do Estoril. A sua presença noutras feiras foi sempre muito reduzida e pontual.



Com o aumento dos fregueses outro forno surgiu na casa de Santa Susana, desta feita maior e também construído em pedra piçarra. As primeiras peças eram em barro vermelho fosco, sem qualquer tipo de pintura, mas, atento como sempre foi ao mercado de clientes, cedo se apercebeu que estes preferiam peças pintadas. Ah querem peças pintadas? Pois peças pintadas terão! As tintas, cujo segredo o artista mantém, são por ele preparadas. Há uma primeira cozedura das peças em chacota, a que se segue uma segunda



Josafaz  
Azeiteiro, Lisboa, séc. XXI, 1º lustro, alt. 33 cm  
Azeiteiro, Lisboa, séc. XXI, 1º lustro, alt. 27 cm  
Ardina, Lisboa, séc. XXI, 1º lustro, alt. 25,7 cm



cozedura para cozer a pintura. No final, as peças são recobertas com goma laca, a qual lhes confere aquele brilhinho que possuem. Mas, a pintura não é de sua autoria, nunca foi. A tarefa de pintar é de sua mulher, Maria de Jesus. Porque será que as mulheres são peritas em pintar? Que motricidade manual ou valência cultural as faz ser pintoras do trabalho dos homens? A loiça vidrada dos oleiros de Barcelos é pintada (decorada) pelas mulheres e, também no caso do bonecreiro barcelense Mistério, já falecido, sua mulher, a Sr.<sup>a</sup> Virgínia, sempre se encarregou da pintura das peças, trabalho que ainda hoje executa no figurado de seus filhos Manuel e Francisco.

Mas, Maria de Jesus não se limitou a pintar as peças de seu marido. Desde o início dos anos oitenta que, apercebendo-se da saída que aquelas tinham, começa a fazer as suas próprias figuras. A temática é a do seu marido – Cristos, Presépios, Santas e Santos, Passagem do S. Martinho, Ceias de Cristo, Pregões (nome que serve para designar um conjunto de bonecos, cada um deles representando antigas profissões lisboenses) –, mas, um observador atento nota diferenças.

Desde há vários anos, quase desde que casaram, que Joaquim Lourenço e Maria de Jesus vivem no bairro do Caramão da Ajuda, em Lisboa<sup>3</sup>. Hoje, aí produzem as peças, aí têm o forno eléctrico e aí as vendem, continuando a fazer a Feira de Artesanato do Estoril.

Joaquim Lourenço marca as suas peças escrevendo no barro ainda cru o nome Josafaz. Sua mulher assim grafa, mas assinando M. Josafaz. Ao longo dos anos, e pontualmente, foram tendo a ajuda da neta Hélia, hoje arquitecta a trabalhar numa autarquia. Hélia, com três anos e meio (nasceu em 1973) ganhou um prémio no Salão Nacional de Artesanato, no Casino do Estoril. Diz a avó que durante muito tempo Hélia «se vestiu e calçou à conta dos trabalhos dela». Hélia era perita a fazer Santos Antónios e Cristos, que se vendiam num ápice. Ainda hoje, nas horas de maior aperto, Hélia vem ajudar os avós a fazer presépios. Assina as suas peças escrevendo no barro ainda cru o nome Hélia Josafaz.

Há uma outra arte de Joaquim Lourenço que ainda não referimos – desde 1992 que pinta quadros a óleo sobre tela, de temática variada e que enche de policromia.

E assim termina a nossa história sobre este homem, Joaquim Lourenço, que Josafaz assina e que figurado faz.

Josafaz  
*Queijeiro com cesto*, Lisboa,  
séc. XXI, 1º lustro, alt. 30,3 cm